

Rubem de Azevedo Lima

"Pelo amor de Deus: não encerem mais o piso do salão negro do Senado Federal". Esse apelo — curioso na aparência e dramático no tom com que foi formulado à presidência daquela casa do Congresso — revela o nível de superstição existente no Legislativo, em relação a fatos que supostamente dão azar ou geram consequências malignas.

Coincidência ou não, o certo é que na atual legislatura, com 18 meses de duração, morreram três senadores e nenhum deputado federal. Enquanto no Senado existem 72 parlamentares, na Câmara são 487 os deputados. Assim, o índice de mortalidade na Câmara é zero, ao passo que no Senado ele passa de 4%.

Os supersticiosos que encaminharam o apelo à presidência do Senado mostraram haver, sistematicamente, antes da morte de cada senador, a ocorrência de um mesmo fato: a substituição da cera incolor no piso do salão negro — salão de honra — do Senado.

A primeira coincidência fatídica ocorreu logo no começo da legislatura, quando o Senado estava sendo preparado para a instalação da Assembléia Nacional Constituinte. O salão de honra daquela Casa foi raspado e encerado. Dois dias depois, surpreendentemente, o senador Fábio Lucena, eleito pelo PMDB do Amazonas, suicidou-se. Lucena, que tinha sido eleito ao Senado em 1982, com mandato até 1990, insistiu em concorrer ao pleito de 1986, para que ninguém o acusasse de não possuir o mandato específico de constituinte.

Sem importância

No dia 12 de abril último, o salão negro foi outra vez encerado. O senador Antônio Farias, do Partido Municipalista Brasileiro, um homem tranquilo, morreu inesperadamente no Serviço Médico do Senado, embora jamais tivesse acusado o menor sinal de doença. O malestar de Farias era de

aparência tão sem importância que, no mesmo instante, os médicos preferiram atender, prioritariamente, o senador Ronaldo Aragão, de Rondonia, também medicado em caráter de emergência, na ocasião, com um quadro clínico mais preocupante.

No final do mês de maio, o salão de honra passou por outra limpeza em regra, com remoção da cera velha e aplicação de novo polimento no assoalho de mármore negro. O senador Virgílio Távora, do PDS do Ceará, estava em recuperação de um processo cirúrgico. Seu estado de saúde agravou-se e Virgílio morreu na última sexta-feira.

Vidente

Os encarregados da limpeza do salão negro contestam que essa dependência do Senado tenha sido encerada apenas três vezes na atual legislatura. Na verdade, esse trabalho é feito pelo menos uma vez por mês. Os supersticiosos que têm relação entre essa limpeza e a morte dos três senadores reformulam, por isso, sua superstição: não é em todas as limpezas com cera que morre um senador, mas sempre que morre um senador a cera do salão negro tinha sido removida.

Superstições no Congresso não constituem novidade. Ao tempo em que o Senado era presidido pelo ex-senador Filinto Muller, havia em seu gabinete de presidente um quadro de grandes dimensões, "Amazônia encharcada", de aparência soturna. O então senador Petrônio Portela, que não apreciava a pintura, acusava-a de trazer mau agouro. No meio do ano, Filinto morreu num desastre aéreo em Paris. Petrônio, que assumiu a presidência, tirou o quadro da parede. Três anos depois, nomeado ministro da Justiça, um vidente recomendou a Petrônio que não assumisse o ministério, pois morreria nesse cargo. Petrônio bateu na madeira de sua mesa, para afastar o perigo. Pouco depois, no entanto, morria subitamente.